

Cartografias da Arte: Linguagem

Eliane do Nascimento Gouvêa
Mestre em Ensino da Saúde, Ciência e Ambiente, UNIPLI
Professora de Artes Visuais do INES - profeliane55@yahoo.com.br

José Maria Pugialli Domingues
Especialista em Ensino da Arte, UVA
Professor de Artes Visuais do INES - jmpugialli@gmail.com

Juliana Zarur de Andrade Silva
Especialista em Arteterapia em Educação e Saúde, UCAM
Professora de Artes Visuais do ISERJ e do INES - juliana.zarur@gmail.com

RESUMO

Partindo de práticas pedagógicas desenvolvidas junto aos alunos surdos do INES, que frequentam da Educação Infantil ao quinto ano do Ensino Fundamental, foi desenvolvida a Oficina *Cartografias da Arte: Linguagem*. Essa oficina aconteceu no primeiro dia do XV Congresso Internacional do INES (COINES) e fez parte de um conjunto de três oficinas, desenvolvido pelo Núcleo de Artes do INES. As oficinas trazem em comum a conexão entre as Artes Visuais e diversos conteúdos que acabam por transformar nossas práticas em um mapa que se espalha em várias direções, se constrói e se destrói e não segue uma linearidade cartesiana. Os sujeitos participantes da oficina puderam acompanhar o relato de experiência de práticas pedagógicas de ensino de Artes Visuais desenvolvidas no INES e vivenciaram uma experiência de criação de uma caixa-narrativa-sensorial. O objetivo da proposta foi pensar uma pedagogia voltada para o sujeito surdo que respeite a Cultura Surda, a Libras como primeira língua e que perceba o corpo, as sensações, as imagens e as histórias como necessárias ao desenvolvimento expressivo e linguístico desses sujeitos. Cada participante da Oficina propôs uma caixa singular, repleta de elementos sensoriais nas quais contavam uma história, às vezes ilustrada a partir de elementos que compunham a caixa e, em outros casos, simbolizadas pela disposição dos materiais dentro e ao redor da caixa. Todas traziam a reflexão a respeito de um ou mais desses temas relatados, debatidos e ilustrados por meio de experiências dos alunos do Instituto. Como metodologia foram articuladas nossas práticas de ensino da Arte ao pensamento de Foucault (1989) a respeito do poder do discurso, aos estudos de Larrosa (1994) em torno da construção da identidade, aos Estudos Surdos, segundo a ótica de Skliar (2013) e aos Estudos Culturais, segundo Giroux (2013).

Palavras-Chave: Cultura surda. Linguagem. Corpo. Imagem. Sensação.

Atualmente, a educação bilíngue para surdos tem sido a mais aceita por garantir a esses estudantes o direito de aprender todas as disciplinas na primeira língua deles e, ainda, terem o direito de se apropriar da língua portuguesa na modalidade escrita e de todos os registros produzidos nessa língua.

Esse processo de reconhecimento do direito do surdo a aprender em Libras fez parte de um processo de fortalecimento da Comunidade Surda e de aproximação entre Educação de Surdos e o campo teórico dos Estudos Culturais. A partir dessa aproximação, surgiram novos discursos e a Comunidade Surda passou a se enxergar como um grupo, com uma língua e uma cultura particulares, que necessita de uma pedagogia que considere e respeite essa cultura.

[...] os Estudos Culturais se baseiam na crença de que entramos num período no qual as distinções que separam e enquadram as disciplinas acadêmicas estabelecidas não podem dar conta da grande diversidade de fenômenos culturais e sociais que caracterizam um mundo pós-industrial cada vez mais hibridizado. A universidade¹ tem estado por muito tempo ligada a uma noção de identidade nacional amplamente definida pela transmissão da cultura tradicional, ocidental. Tradicionalmente, essa tem sido uma cultura da exclusão, uma cultura que tem ignorado as múltiplas narrativas, histórias e vozes de grupos cultural e politicamente subordinados (GIROUX, 2013, pág.83)²

As políticas de avaliação brasileiras, apesar do reconhecimento do bilinguismo na educação dos surdos, não passaram por adaptações e o aluno surdo ainda enfrenta a dificuldade de ser avaliado em sua segunda língua, o que contraria todos os esforços pelos quais a Comunidade Surda tem lutado.

Uma mudança pedagógica que esteja centrada na língua visuoespacial (Libras) e que respeite expressões de pensamento em forma visual precisa ser acompanhada por um currículo que contemple literatura surda, produções artísticas que tratem da surdez, história dos surdos e de seu processo

¹ Giroux trata da Universidade e da academia, mas essa reflexão pode ser estendida para todo o processo de escolarização dos sujeitos, já que a escola tem privilegiado a cultura ocidental ouvinte e branca por muitos anos.

² GIROUX, Henry A. *Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação*. In: SILVA, T. T. da (org). *Alienígenas na sala de aula*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p.83-100.

educacional, assim como práticas avaliativas que respeitem esse currículo e, sobretudo, a Libras como primeira língua.

Em nossa trajetória de ensino de Artes Visuais para surdos, sempre buscamos trazer para sala de aula referências de artistas surdos ou que tratassem da Surdez e utilizamos a tecnologia para produção de filmes e documentações visuais para que os alunos pudessem se ver representados, se auto-representarem e que viessem a questionar as políticas de (in)visibilidades dos circuitos midiáticos, artísticos e acadêmicos. Assim, os alunos tornam-se capazes de perceber que podem e devem construir novas verdades a respeito do ser surdo, verdades que brotem do reconhecimento da Cultura Surda, não como uma cultura patológica, mas como uma cultura rica em sentido e que não pode ser inferiorizada diante da cultura ouvinte. Para Foucault (1989):

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos reguladores de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros[...]; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (p.12)³

“É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que damos a nós próprios uma identidade no tempo” (Larrosa, 1994, p.69)⁴. Ao contarem suas próprias histórias e a história de sua comunidade, os alunos surdos afirmam suas identidades e refletem sobre a necessidade de combater a ditadura da cultura ‘ouvintista’, na qual “o surdo é obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. [...] é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte” (SKLIAR, 2013, p.15)⁵.

Durante a oficina *Cartografias da Arte: Linguagem*, que ocorreu no primeiro dia do COINES, foram apresentadas algumas práticas pedagógicas

³ FOUCAULT, Michel . *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

⁴ LARROSA, Jorge. *Tecnologias do eu educação*. In: Silva, T.T. da (org). O sujeito da Educação – Estudos foucaultianos. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p.35-86.

⁵ SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre a diferença*. Porto Alegre: Mediação, 2013, p.5-31.

direcionadas para crianças e jovens surdos da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental, com o intuito de mostrar como a visualidade, a corporeidade, os sentidos e a criação e recontação de histórias são fundamentais para a afirmação do sujeito surdo e seu desenvolvimento expressivo e linguístico.

Imagens, leituras de mundo e linguagem

Professor José Maria Pugialli

Foram exibidas uma série de narrativas visuais criadas pelos alunos do INES em diferentes anos de escolaridade e aprofundamento, no que diz respeito à produção de imagens. Essas produções demonstraram o quanto a atividade de leitura de imagens dá oportunidade ao aluno de manifestar suas ideias, de partilhá-las com os outros e de reorganizá-las no fazer artístico. É necessário proporcionar condições de apreciar (fruir) e ler essas imagens de maneira crítica. Neste aspecto, consideramos ter, o professor, um papel importante de curador e mediador entre as imagens e os alunos na leitura, na contextualização da imagem e no fazer artístico.

Depois da leitura dessas imagens e da releitura - o fazer artístico - pode-se estimular a criação de um 'texto'. Para os alunos pequenos foi desenvolvido um material visual composto de um quadro de feltro e de figuras com velcro, de modo que as histórias possam ser contadas em etapas (cenas) em Libras e, abaixo das ilustrações, constroem-se textos simples.

O trabalho da leitura de imagem e posteriormente a criação de narrativa visual dá a oportunidade ao aluno surdo de externar seu pensamento em Libras e ir organizando a narrativa em língua portuguesa a partir da narrativa visual. As palavras em português e as histórias ganham sentido com o auxílio da imagem e da prévia narração na primeira língua deles.

A partir da obra "Os Retirantes", de Cândido Portinari, os alunos puderam criar narrativas a respeito da imagem, além disso, foram convidados a criar desenhos e histórias daquilo que aconteceria depois da cena exibida. (Fig. 1, 2, 3, 4 e 5) Esse processo ajuda a desenvolver a linguagem visual da criança

surda, sua capacidade de observação do mundo circundante e amplia seu potencial de criar e contar histórias dentro da perspectiva do bilinguismo (Libras-Português).



Fig.1 - Os Retirantes, pintura de Portinari

PESSOAS PARECENDO VELHAS.
UMA MULHER CANSADA COM UMA TROUXA
NA CABEÇA.
UM MENINO TEM UM PROBLEMA: ELE ES-
TÁ DOENTE.
UM HOMEM VELHO SEGURA UM BASTÃO.
É UMA FAMÍLIA POBRE, NÃO TEM CASA.
AS PESSOAS NÃO TÊM SAPATOS.

Fig.2 - Narrativa visual feita por aluno do INES



Fig.3 - Releitura feita por aluno do INES



Fig.4 - Desenho de projeção futura da história

AGORA A FAMÍLIA TEM CASA COM JARDIM.
ELES MORAM NA CIDADE.
O MENINO NÃO ESTÁ MAIS DOENTE. ELE VAI
PARA O PONTO DE ÔNIBUS.
A MULHER VAI VER O JARDIM.
ALEX - 323

Fig.5 - Narrativa de projeção futura da história

Tecendo através da Arte: ideias, imagens, brincadeiras e histórias

Professora Eliane Gouvêa

Através de imagens de trabalhos dos alunos que evidenciam a relação entre o corpo, o brinquedo e a brincadeira foram apresentados alguns processos de construção e criação de brinquedos com sucatas, e exemplos de brincadeiras utilizando objetos tridimensionais.

A brincadeira estimula a criança a imaginar histórias, a criar uma linguagem polissêmica a partir de objetos e a constituir-se como sujeito. É a partir dela que a criança ganha liberdade para organizar o mundo que a cerca e conferir-lhe sentido (fig. 6, 7 e 8).



Fig. 6,7 e 8 - Criação de brinquedos com sucatas e criação livre com maquetes

Arte e Sentidos: Objetos artísticos como dispositivos de experiências.

Professora Juliana Zarur

Foram exibidos vídeos e fotografias da prática pedagógica *Objetos artísticos como dispositivos de experiência* que documentaram uma investigação realizada pelos alunos surdos do INES em torno da relação entre

corpo e obra de arte, após estudo de obras neoconcretas de Hélio Oiticica e Lygia Clark (obras de arte que abriam espaço para o inacabado, para o processo e para o improvisado pessoal do espectador-participante, que funcionavam como dispositivos de exploração do espectador).

Os estudantes criaram objetos sensoriais como: máscaras (que ao serem vestidas pelo espectador proporcionavam experiências de alteração da visão e traziam estímulos táteis e olfativos); lunetas (que em conjunto proporcionavam ao espectador a possibilidade de experimentar diferentes maneiras de ver uma paisagem); esculturas que mais pareciam brinquedos, com peças soltas e que poderiam ser encaixadas e remontadas de diferentes formas pelo espectador-participante; uma obra coletiva que estimulava o olfato por ser constituída de saquinho com aromas diversificados e, por fim, uma caixa de sensação que estava relacionada a história da educação do surdo e a cultura surda.

Durante o trabalho de criação das máscaras e das esculturas de (re)montar, os trabalhos de Lygia Clark serviram de referência para os alunos, respectivamente as Máscaras Sensoriais e os Bichos. Para a criação das caixas, os Bólides de Hélio Oiticica e obras de artistas que tratam da temática surda – pinturas de Nancy Rourke e Assemblagens e esculturas de Billy Saga – foram os disparadores para as criações.

O trabalho das caixas de sensação, intitulado “Universos Surdos”, foi bastante significativo para os alunos por motivá-los a produzir símbolos a partir da história da Comunidade Surda e suas Lutas. Os alunos tiveram de selecionar materiais sensoriais que traduzissem as sensações e sentimentos da luta da Comunidade Surda pelo reconhecimento da Libras e pelo respeito a Cultura Surda. Temas como: ditadura ‘ouvintista’; obrigatoriedade do surdo aprender, durante anos, segundo o método oral; preconceito; Libras; relação entre ouvintes e surdos e entre surdos e surdos apareceram nessas caixas-narrativas-visuais-sensoriais.(fig. 9)



Fig. 9 - Uma das obras de “Universos Surdos”, em que a aluna exibe, no exterior da caixa, o sofrimento – representando o passado em que a Libras era proibida – e no interior, o mundo natural e bonito, em que as mãos livres como borboletas podem se comunicar.

A partir dessas criações e da experimentação das obras dos colegas, os alunos perceberam que as experiências com os objetos variavam de acordo com aquele que conferia sentido às obras e que a uma pessoa era possível ter novas impressões a cada nova experimentação. Experimentando os objetos manipuláveis, os alunos podiam se perceber como seres inacabados e em transformação, que produzem e conferem sentidos às artes, à cultura e à própria história.

Todas essas práticas narradas e exibidas aos participantes da Oficina, foram condensadas na proposta de criação de caixas sensoriais que tratassem de questões e histórias dos participantes da oficina, que proporcionassem aos participantes repensarem e revisitarem suas histórias; produzirem materiais que pudessem ser utilizados em suas práticas pedagógicas ou em outros contextos de relação profissional com alunos (já que muitos eram profissionais da Educação) ou ainda, que abrisse caminho para recriação e adaptação dessa prática com caixas-narrativas-sensoriais em diversos contextos e disciplinas escolares.

Os presentes na oficina participaram de jogos e brincadeiras corporais coletivas, experimentaram os objetos sensoriais criados pelos alunos do INES e partiram para suas próprias criações, que no conjunto resultaram em propostas diversificadas que carregavam os modos de pensar, sentir e se expressar de cada sujeito-criador: caixas que tratavam da relação do surdo com a família, caixas que visavam estimular sensorialmente alunos com

paralisia cerebral, caixas que tratavam de questões psicológicas e filosóficas relativas ao sujeito-professor, caixas que serviam para contação de histórias para crianças, carregadas de personagens e cenários, dentre outras.

Além das caixas, materiais que pudessem despertar interesse do ponto de vista sensorial como: pedras, ervas, areia e algodão foram disponibilizados e utilizados nas criações, que assumiram teor mais ilustrativo ou mais simbólico dependendo do interesse do participante/criador da obra.

Esperamos que esse curto encontro na Oficina possa ter contribuído para que, aqueles que trabalham em ambientes pedagógicos, venham a pensar na importância do corpo, das sensações e da valorização das histórias vividas ou criadas por aqueles que frequentam esse espaço, como elementos fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem e afetividade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Para os participantes que trabalham em outros ambientes, é sempre bom descobrirem-se como seres criadores, capazes de produzir sensações, se deixar afetar por elas e de contar e recriar as histórias que formaram suas próprias identidades.

Para os que lidam com surdos é urgente que atentem para a importância do discurso do surdo, considerando que esse discurso pode ser externalizado por uma língua visuoespacial, por produções visuais diversificadas e, no caso de surdos brasileiros, por escrita na língua portuguesa. O reconhecimento da Cultura Surda – carregada de significações simbólicas e rica em histórias desse grupo cultural também é essencial – e, para isso, é preciso que os espaços frequentados pelos surdos não tenham como centralidade o domínio da fala e da audição, que sejam ricos em imagens, sensações, linguagem corporal e respeito à Língua de sinais.

Referências bibliográficas:

BARBOSA , Ana Mae Tavares Bastos. *A Imagem no ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos*. Porto: Perspectiva,1991.

BRITO, Ronaldo. Neoconcretismo: Vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro. São Paulo: Cosac Naify, 1999.

EÇA, Teresa Torres Pereira. *Educação através da Arte para um futuro sustentável, Campinas: Cad. Cedes*, vol.30, n. 80, p.13-25, jan-abr. 2010. Disponível em < <http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

GIROUX, Henry A. *Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação*. In: SILVA, T. T. da (org). *Alienígenas na sala de aula*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p.83-100.

FOUCAULT, Michel . *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

LARROSA, Jorge. *Tecnologias do eu educação*. In: Silva, T.T. da (org). *O sujeito da Educação – Estudos foucaultianos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p.35-86.

SKLIAR, Carlos (org). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2013.